

# O ACADEMICO

REVISTA QUINZENAL LITTERARIA

NUMERO 5

1 ANNO

A REFORMA

DO

## MARQUEZ DE POMBAL

VII

O marquez de Pombal é accusado por alguns criticos de ter sido absolutista em pleno seculo XVIII. Foi-o. Mas é necessario conhecer a casta d'aquelle absolutismo.

Não sabemos se querem que o marquez, meado aquelle seculo, antepozesse á propria revolução franceza de 89 a revolução portugueza, mas o que se nos afigura é que a nossa liberdade de hoje, que para protrahir as reformas mais justas e mais instantes recua muitas vezes diante dos interesses particulares, não poderia emprender pelas fórmãs chamadas regulares, a minima parte de quanto o marquez levou a cabo. Sejam logicos então; accusem de não ser hoje republicano o monarchico mais adiantado que pelas suas reformas predis põe a republica, rasgando-lhe a verdadeira estrada.

Derivando o absolutismo do direito divino, o marquez de Pombal fez d'elle a chave do seu governo, e com a chave de ferro abriu uma epocha de oiro ao futuro do povo. Teve a coragem dos seus feitos, e elevando-se á esphera dos genios deixou provas taes para ser julgado, que a historia tem de o considerar no seu conjuncto, de o avaliar pela unidade do seu systema e de o respeitar no resultado geral dos seus commettimentos.

Devia ser curiosa a convocação das antigas côrtes para a reforma radical da nação, na extensão que nunca até alli presenceára. A natureza humana teria de vêr, se visse, a deslocação do monopolio religioso feita pelo proprio braço do clero, a reforma da nobreza pela propria mão da nobreza, e a reforma da libertação das classes populares pelos procuradores educados no ambiente jesuita que via no interesse popular a emancipação da sua influencia.

Os projectos do marquez de Pombal não eram os projectunculos engendrados sobre o joelho para cairem desmaiados nos braços de commissões que lhes pozessem os sete sellos sem a propria paternidade se dar por offendida.

O marquez queria reformar com seriedade, pelo conjuncto das proprias ideias, as condições da patria, intentava nacionalisar a sua obra, e só a nacionalisaria com o poder da sua cabeça de fogo e com a tempera do seu braço de ferro. Ha homens que são instituições.

O reformador tinha diante de si, antes da refor-

ma social, e como preludio indispensavel d'ella, a reforma politica. Vejamos de que dispunha a seu favor, e o que se lhe oppunha.

Ajustemos as contas. Dispunha a seu favor, do rei e do povo; do rei, com a consciencia de quem era o homem em cujas mãos entregava o leme da nação; do povo, com o instincto do que se lhe entrefigurava grande.

Mas do outro lado, quantos elementos havia de prestigio, de tradição e de influencia, todos inimigos de morte, porque lhes atacava o poder, jesuitas, inquisição, clero, nobreza, todos lhe impunham uma barreira proporcional á força que ainda experimentavam em si, e á que não podiam deixar de reconhecer no moderno adversario.

O marquez, politico habil, destruindo o elemento jesuita, reformou os outros como alicerces diversos da mesma obra.

Assim a inquisição foi convertida em simples tribunal regio, dando-se-lhe um regulamento accommodado ás ideias mais adiantadas da epocha.

O poder ecclesiastico recebeu modificações notaveis, sendo a jurisdicção dos prelados restricta aos negocios puramente espirituaes.

Com a reforma da nobreza completou a ideia. A nobreza assentou a acção politica da sua historia n'um facto glorioso e n'um erro lastimavel. A independencia da patria encontrou sempre em seu favor, desde a fundação da monarchia, o sangue da nobreza. Tem-o a bandeira das quinas nas suas dobrãs misturado com o sangue popular.

É o facto glorioso. O erro, deixe-nos ella dizer-lh'o, é ter desacompanhado, como classe, o progresso das liberdades. Depois expiou sempre este erro, mas sem nunca mais se recordar de o ter expiado. Em vez de acceitar a corrente caudalosa, affrontava-a, e de cada vez a onda lhe passava por cima, arrancando-lhe no resaque mais uma regalia da sua instituição.

Contrariando as idéas do marquez de Pombal, a nobreza recebeu modificações importantes com a perda de uma parte da propria influencia, com a extincção dos vinculos menores, com a importancia dada intencionalmente ás classes médias, cujo nivel subia pela reforma das instituições, pela iniciativa do governo, e pelos enlances matrimoniaes entre a classe alta e a classe commerciante promovidos para transmittir tendencias modernas á corporação tradicional da jerarchia superior. A par de tudo isto, no intento de crear uma nobreza solidamente instruida, fundava o collegio especial.

Com todo este jogo de elementos o marquez de Pombal introduzia sangue novo nas arterias principaes mas avelhantadas da organização antiga.

Emquanto se fundiam as bases politicas da sociedade e se traçava uma nova ordem de cousas, as re-

formas agricolas, fabris, commerciaes e financeiras seguiram-se por ordem successiva, e o povo portuguez via desenvolver-se uma transformação nas condições da sua vida social. A celebre companhia dos vinhos do Douro levantava do abatimento as provincias do norte, emquanto a cultura dos cereaes era promovida nas provincias do centro, e o reino dotado de leis agrarias. As fabricas de sedas, de vidros e de lãs promoviam a industria d'estes artefactos. Fundava-se o deposito publico. A junta do commercio, as companhias da India, China, Grão-Pará e Pernambuco eram creadas e dotadas largamente, no intuito de iniciarem os melhoramentos materiaes das provincias de além mar. Leis de tolerancia vinham destruir as antigas providencias inquisitoriaes contra os christãos novos, chamando-os a participar dos empregos do paiz, e considerando de alli em diante filhos tão legitimos da patria como os christãos da raça velha. Extinguam-se os autos de fé. Era abolida a escravidão no reino, determinando-se que ficassem completamente livres os filhos que nascessem dos escravos, sendo notavel o alvará, não só como instituição de alforria, mas tambem como doutrina liberal. Abolia-se tambem o ferrete que manchava os artistas dramaticos e justificavam-se officialmente os theatros publicos «por serem eschola onde os povos aprendem as maximas sãs da politica, da moral, do amor da patria, do valor, do zelo, civilisando-se, e deterrando-se insensivelmente dos restos da barbaridade que n'elles deixaram os seculos infelizes da ignorancia.» As finanças do estado recebiam por meio da criação do real erario uma administração e fiscalisação serias, legando em moeda efectiva ao reinado que lhe succedeu muitos milhões de cruzados. Uma cidade nova, digna do magestoso rio que a banha, nascia formosa das cinzas da mais memoravel catastrophe, e a instrução nacional, de que especialmente nos occupamos, derramava por todas as maneiras o ensino publico. D'este modo o marquez de Pombal, absorvendo o poder mais largo e mais uno que o paiz nunca presenciára tão concentrado como então, usava d'elle amplamente para dotar o povo com as instituições que tinham em si as fontes do mais vasto progresso.

A geração nacional que, por todas as manifestações educativas que temos visto, nasceu da sua obra foi a que ensaiando-se na sombra, como o obreiro invisivel da civilisação, veio a fundar o glorioso movimento de 1820, que é o 89 portuguez; 89 feliz, louvada providencia, orvalhado pelo anterior baptismo de alguns martyres, mas sem abrir aos pés o lago de sangue do 94.

(Continúa)

D. ANTONIO DA COSTA.

## A UMA ACADEMIA

É um velho anachronismo, ó chronica doente,  
o systema que tens d'engrandecer pedantes!  
Imitas simplesmente o sol — que no poente  
tambem dá aos pygmeus a sombra dos gigantes! —

Porto—1877

JAYME FILINTO.

## O PRESBYTERIO DE VILLA-COVA

I

(CONTINUAÇÃO DE PAG. 32)

Não deve estranhar que se chame *villa* uma povoação tão pouco importante como esta; *villa* não teve sempre sómente a significação actual.

Comecemos pela origem latina.

*Villa* (em ling. rustic. Vella) diminutivo (mui verosimilmente de *vicus*), significava, segundo o Dicc. *Freund*, (trad. fr.): = *maison de campagne, maison des champs, ferme, métairie, campagne, propriété*, etc. = . Em italiano tem ainda, além de outras, identica significação.

Attendamos agora ao que o nosso erudito e indefesso Viterbo no seu = *Elucidario das palavras, termos e phrases que em Portugal antigamente se usaram* = nos diz sobre a acepção de *villa*: «—Em todos os nossos documentos até aos fins do seculo XII se tomou *villa*, não por uma povoação grande, . . . e que tivesse juiz, senado e pelourinho com os mais distinctivos de jurisdição civil e criminal; mas sim por uma *pequena herdade, casal ou granja, constante de algumas peças de terra, com sua casa rustica e de abegoaria para recolher os fructos e crear os gados e outros animaes domesticos.*» (*Elucidario*, verbo *villa*, ed. Innocencio, tom. 2.<sup>o</sup>)

Gaspar Estaço, fallando de umas escripturas antigas diz: «A palavra *villa* não significa a povoação que hoje chamamos *villa* mas sim *quinta*, ou cousa semelhante.» (*Varias antig. de Portug.*, cap. 2, n.º 22, — apud Viterbo.)

Alexandre Herculano diz tambem na *Historia de Portugal*: «Em volta d'elle (de um castello no seculo XII ou XIII) . . . está assentado um grupo de povoações humildes . . . que constituem uma *villa*, denominação generica tanto de qualquer aldeia ou aldeola, como de s mais importantes municipalidades, e que corresponde na sua significação vaga ao moderno vocabulo *povoação*.» (1) —

Eis certamente a rasão de esta e tantas outras povoações pouquissimo notaveis de Portugal se chamarem *villas*. No meu concelho (*Mondim da Beira*) ha por ex.: duas *Villas-chans*, uma *Villa-pouca*, um *Villarinho*, e todas estas povoações estão quasi no caso d'aquella de que vou tratando.

Posto isto, vejamos se fixaremos aproximadamente a epocha do principio de Villa-Cova.

Se *villa* teve aquella primitiva acepção apenas até ao seculo 12.<sup>o</sup>, começando já no reinado de D. Affonso 3.<sup>o</sup> a chamar-se *villa* (Viterbo, *ibid.*) a um lugar grande ou cabeça de concelho, podemos talvez afirmar que *Villa-cova-de-Carros* existe anteriormente ao fim do sec. 12.<sup>o</sup>

As tradições d'este povo chegam tambem, como acima notei, até essa epocha, — o tempo dos mouros.

Eis mais alguns factos devidos á narração ingenua do mencionado velho:

(1) Note-se que Herculano falla do seculo 12.<sup>o</sup> ou 13.<sup>o</sup>, e que desde os fins do seculo 12.<sup>o</sup> (conforme o mesmo Viterbo, *ibid.*) até aos do seculo 15.<sup>o</sup> se acha algumas vezes *villa* synonymo de *cidade*, v. g. *villa de Lamego*.

Uma das provas de que os mouros estanciarão por aqui está não só em o nome *Olho do mouro*, mas no de *Mouriz* (1) e em que na serra de Vandoma (o povo d'alli pronuncia em geral *Gondoma*) ha um *penedo encantado*.

*Mouriz* é com certeza derivado de *mouro*, e parece até corrupção de *mouril*, que, segundo se lê no Dicc. do snr. Pinho Leal, significava *cousa de mouros*, e é o nome de muitas aldeias portuguezas. —

No tempo do dominio dos arabes feriram-se, como se sabe, encarniçadas pelepas entre elles e os christãos: uma vez os christãos d'estes sitios (fundo-me outra vez em a narração do velho, o qual é uma verdadeira chronica viva), vendo-se pequenos para resistirem á multidão dos crentes, imaginaram um estratagemma que consistiu em prender aos galhos de grande numero de cabras e carneiros lampeões ou cousa que o valesse, com luzes, de modo que visto isto de lonje, e á noute, parecesse um verdadeiro exercito (2). O successo foi optimo. Os mouros fugiram espantados (3) —

O *fôro de montaria* em que acima fallei data dos primórdios da monarchia. Nas inquirições de D. Afonso 3.<sup>o</sup> (diz Viterbo, vol. 1) achou-se que o lugar de *Nouman* fôra dado por D. Afonso Henriques em 1134 «a *Pelagio Vozoiz, per suam cartam ad. FORUM DE MONTARIA.*» — Nas inquirições de D. Diniz em 1290 achou-se que a herdade da *Prazia* era toda «*foraria Regis d'foro de FORAMENTONIS.*» etc. —

Vimos consequentemente mais ou menos fundamentada pelos nomes *villa, Foramentão, Mouriz, Olho do Mouro*, etc., a nossa opinião a respeito de antiguidade de *Villa-Cova*.

Com isto damos fim ao prezente capitulo.

(Continua)

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

## SOMBRA E LUZ

D'UM POEMA INEDITO

AO MEU TIO, LUIZ XAVIER DE CARVALHO

«Mulher — que buscas tu que vaes erguendo a fronte como que a demandar o fulgido horisonte onde vejas brilhar nadando em pura luz

(1) *Mouriz* (S. Romão), — pequena, mas risonha povoação situada a uns 2 kilometros ou 1½ legoa de *Villa-Cova*, e atravessada por uma estrada real. Foi solar de *Estevão Dias*, progenitor dos *Avellares*. O digno Reitor d'esta freguezia, Ill.<sup>mo</sup> Snr. Francisco José Pedro Soares, excellente pessoa, é um venerando ancião de 100 annos, rijo e forte, que ainda a cantar nas festividades religiosas excede quasi sempre os ecclesiasticos com a sonoridade e imponencia de sua voz. — Desejo prosperos dias a este Sacerdote que conta um seculo de existencia!

(2) No nosso povo guardam-se tradições de factos identicos succedidos em diferentes guerras.

(3) As tradições populares, e principalmente as portuguezas que se referem aos mouros, não são sempre seguras; por isso que estes foram os ultimos dominadores, e que mais vivas impressões deixaram, o povo attribue-lhes em geral todas as construcções antigas, todos os factos, etc. Póde pois haver erros em parte das indicações dadas. Digo isto para prevenção de alguém que me supponha crédulo.

ardente como o fogo um beijo de Jesus?

E' o sol da Justiça?

Só hoje aqui scintilla o astro da cubiça.

Emquanto que na rua entoas a quem passa os psalmos da pobreza, os hymnos da desgraça, corrida pelos cães, batida pelos ventos, cheia d'immensa dor, soltando vãos lamentos unindo o filho teu ao descarnado peito, com o pallido rosto em lagrimas desfeito, ensanguentada e vil — ó triste desgraçada, vaes sempre a caminhar ao som da gargalhada da doida multidão que entra no *boulevard*:

O olho da Justiça anda-te já a olhar.

Que dizes, infeliz! a santa caridade ha muito que fugiu da pobre humanidade anda pelo salão, anda na sachristia percorrendo as regiões da alta aristocracia. Nos bailles, nos festins entre um piedoso arama as damas vão valsando ao som de — *a Roma, a Roma* — e bebem agua benta e fazem madrigaes; — vive-se alegre assim nas folhas dos jornaes. E esse teu filhinho

— essa misera creança?

porque o havias de crear, tornal-o a tua esperanza oh! se elle ha-de morrer — quem sabe — brevemente e ha-de ir augmentar a podridão somente ao velho cemiterio. Eu tenho tanto dó de vêr tanta illuzão assim desfeita em pó. E esse teu seio puro e immaculado e lindo eu sei que um monstro vil o profanou sorrindo. Até do lupanar á triste sepultura a vida da mulher é uma tragedia escura. Anda, caminha, vae e segue o teu calvario que assim é necessario».

Alguem lhe deu uma esmola e lá se foi emfim,  
.....  
Enche-se a taberna, enche-se o botequim.  
Os *dandys* do bom tom e as damas vaporosas arrastam pela lama as vestes luminosas que vallem tres milhões. Decima dos altares vae lançando o Christo os lucidos olhares para o grande luctador — o sempre grande — o mundo Sente-se muito além um turbilhão profundo, como uma voz immensa; emquanto o filho e mãe por entre a treva densa vão sempre a caminhar com vastas afflições. Aquella grande voz tremem as gerações, como se então caisse um vendaval de feras; e os povos assombrados viram escripto em luz d'avisos ás novas eras — Lugar aos desgraçados —

Porto.—1878

XAVIER DE CARVALHO.

# OS PYRINEOS

## ESTUDOS OROGRAPHICOS

Entre as innumeraveis maravilhas naturaes que contém a península Iberica merece um lugar preferente essa serie de gigantes de pedra que debaixo do nome de Pyrneos a atravessa em sua maior extensão de Leste a Oeste, desde o cabo de Creus no Mediterraneo, até ao de Finisterra, no Oceano Atlantico.

Os geographos sujeitaram o estudo d'esta serra gigantesca ás seguintes divisões, fundadas na propria natureza:

|          |              |  |  |
|----------|--------------|--|--|
| PYRINEOS | CONTINENTAES | ORIENTAES  | Desde o cabo de Creus até o pico de Puy Peyric.    |
|          |              | CENTRAES   | Desde o pico de Puy Peyric até o monte Perdido.    |
|          | PENINSULARES | OCCIDENTAES  | Desde o monte Perdido até o porto (1) de Goritty.  |
|          |              | CANTABRICOS  | Desde o porto de Goritty até ás nascentes do Ebro. |
|          | ASTURICOS    | Desde as nascentes do Ebro até ás do Navia.        |  |
|          | GALLEGOS     | Desde as nascentes do Navia até o cabo Finisterra. |  |

O que ha talvez de mais surprehendente nos Pyrneos é a desproporção entre a massa e a altura, tomando outras serras da Europa por ponto de comparação, os Alpes por exemplo.

Com effeito, os picos mais elevados dos Alpes, o Monte Branco (4810), o Monte Rosa (4636), o Cervin (4522), o Junigfrau (4181) e o Finsteraahorn (4400) são muito superiores ao Monte Maldicto (3485), ao Monte Perdido (3400), á serra de Penamarella (3360), ao Vignemale (3360), ao Pico de Posets (3360), etc, mas em troca, a altura media dos Pyrneos Centraes que é de 2450<sup>m</sup> excede 100<sup>m</sup> a altura media dos Alpes e a cordilheira em geral é muito mais maciça. A maior distancia que separa as duas faldras é de 150 kilometros e ainda que nalguns, como nos Pyrneos Orientaes e Occidentaes, estas se afastem apenas 50 kilometros, a distancia média não é inferior a 120.

Em toda a Europa, só os Alpes da Scandinavia assentam sobre mais larga base.

As neves eternas começam nos Pyrneos 2730 metros, mas não apparecem alli as grandes accumulações d'esta substancia que se observam no Alpes. Este phenomeno de facil explicação obedece principalmente ás tres causas seguintes:

1.º A differença de latitude, pois que os Pyrneos, situados entre 42º 50 e 43 ficam n'uma latitude menos elevada do que os Alpes e consequentemente n'uma zona mais temperada.

2.º A propria configuração do terreno, que não apresenta aqui, como nos Alpes ou no Caucaso, agulhas destacadas da massa da cordilheira, com 4 ou

(1) Chamam *puerto* os hespanhoes e *port* os francezes vizinhos aos Pyrneos aos pontos d'estas montanhas por onde geralmente se opera o transitio.

6000 metros de elevação que possam servir de receptaculo e de conductor a esses gelos seculares.

3.º Os ventos fortes ou temperados dos dous Oceanos que dispersam ou derretem as neves accumuladas.

Apesar de tudo isto, ha algumas geleiras consideraveis nos Pyrneos Centraes, onde estas causas (as duas ultimas especialmente) actuam com menos intensidade por possuirem os picos mais elevados e estarem a maior distancia do mar, do que qualquer outra parte da serra.

As mais notaveis d'estas geleiras são; as do Monte Maldicto, a de Crabioules, as da Vignemale e a da Brecha de Rolando; d'estas só a primeira e a terceira se podem comparar ás alpinas.

Vejamos o que diz sobre este assumpto, Mr. Réclus, n'uma das suas obras.

«Os Pyrneos, mais meridionaes, menos elevados e «menos agrupados por massas do que os Alpes, offerecem tambem muitos menos campos de neve e geleiras s. Estas, cuja superficie não foi até agora comparada á da «cadeia» inteira, não occupam certamente um «centesimo e talvez nem um millesimo da superficie total. As geleiras dos Pyrneos, que são em numero «de uma centena, são quasi exclusivamente *serneilles* ou «*geleiras dos cumes* (1) e não descem até aos valles inferiores; talvez não haja senão uma, a geleira oriental do «Vignemale, que apresenta a forma de um rio e a parte «do desfiladeiro em que termina, fica ainda a 2197 metros acima do nivel do mar. Todavia, ainda que os «Pyrneos não possam ser comparados aos Alpes pelo «volume e extensão das suas geleiras, as que n'elles «existem não são menos notaveis por suas profundas «cortaduras, suas paredes azuladas, seus pequenos lagos cobertos de gelos fluctuantes, esses diversos phenomenos que prestam tantos attractivos ao estudo das geleiras da Suissa» (2)

Até aqui o erudito geographo francez. Apenas accrescentaremos, para terminar, que é tão energica a influencia das indicadas causas da fusão dos gelos n'esta parte do globo, que muitos dos cumes mais elevados e que ultrapassam consideravelmente o limite ahí assignalado, — a formação das neves eternas, — ficam completamente limpos d'ellas n'alguns annos excepcionalmente cálidos. No monte Montcalm, por exemplo, situado nos Pyrneos Continentaes, as neves desapparecem algumas vezes, e chega alli mesmo a crescer herva, apesar da sua altura não ser inferior a 3250 metros.

Todavia, factos semelhantes se tem dado em outras montanhas. Em 1860 apenas havia vestigios de neve n'alguns pontos dos Alpes, e nos Andes, a mais extensa de todas as serras da terra, apenas se encontram geleiras notaveis sem que até ao presente haja noticia da existencia de geleiras de primeira ordem.

A vertente hespanhola dos Pyrneos é menos ingreme do que a franceza, porque as terras do Sul são quasi sempre mais elevadas do que as do Norte, desde o cabo de Creus até o passo da Goritty. Os Albères,

(1) Geleiras de segunda ordem. As geleiras de primeira ordem descem até aos valles inferiores, muito áquem do limite das neves eternas. Ainda que muito vulgares nos Alpes, não existem nos Pyrneos.

(2) Réclus «Les continents» cap-1 pag. 289 da terceira parte.

que formam uma especie de introdução aos Pyrneos, ainda não passam de pequenas collinas vistas do lado de Hespanha e já merecem o titulo de montanhas pelo lado opposto. A bem pequena distancia, ao Norte d'este gigantesco muro de granito, existem ainda as extensas planicies sobre as quaes communicavam os dous mares em remotas epochas.

Uma coincidencia notavel, que muito surprehende os estudiosos, é que os mais altos montes dos Pyrneos não estão situados na propria serra, mas ao Sul d'ella, isto é, do lado da Hespanha, á qual pertencem tambem os mais importantes contrafortes e serras secundarias.

Ainda ha mais: perto das nascentes do Garonne observa-se uma fenda na massa principal e, emquanto que um dos ramos novamente formados se dirige a Leste, rodeando pelo Norte o valle de Aran para formar os Pyrneos Continentaes, o outro segue para Oeste e constitue os Pyrneos Peninsulares para além da passo de Goritty. Emfim, ao Sul os geologos pretendem descobrir vestigios de uma grande cadeia terciaria parallela á actual.

Em geral, a natureza mais grandiosa nos Pyrneos é talvez mais pittoresca e mais productiva nos Alpes. Nos Pyrneos o urso é menos feroz, porque é menos perseguido, a camurça menos agil e a vacca menos lucrativa. Muitos logares são completamente inhabitaveis e desconhecidos. O monte Perdido só pôde ser explorado convenientemente em 1875.

A vegetação riquissima é variada e mais selvagem do que nos Alpes porque é muito mais desprezada.

A geologia pyrinaica não pôde ser mais simples. O terreno primitivo consta de granito não eruptivo (ao menos na maior parte dos logares), constituindo o nucleo da cadeia e algumas das suas partes mais elevadas.

O monte Perdido é formado de calcareo alpino e o schisto micaceo abunda n'este terreno.

No de transição, que é muito consideravel, distinguem-se duas camadas dispostas symmetricamente em torno do nucleo de granito, compostas principalmente de grauwacke e schisto argilloso.

Emfim, o terreno secundario, composto de greda vermelha e calcareo analogo ao do Jura, forma a ultima camada mineral, misturada com alguns depositos terciarios.

As aguas thermaes abundam muito nas duas vertentes.

G. DE REPARAZ.

## UM INEDITO

Em cumprimento do que se disse no n.º 3.º de *Academico* (pag. 18, col. 2.ª, not.) publico hoje um soneto de João Peixoto de Miranda, soneto que com todas as probabilidades supponho inedito.

Não me deterei a fallar ácerca da pessoa e obras

do poeta; isso demanda trabalho mais longo, que a seu tempo emprenderei por occasião de dar a lume outros escriptos que possuo do mencionado auctor.

Archivando o presente soneto no *Academico*, tive apenas em vista o mesmo que quando a Miranda me referi em o n.º 13, pag. 102-103 (vol. III) do hebdomadario bracarense a *Borboleta*, — isto é ir a pouco e pouco libertando do esquecimento este benemerito e quasi completamente desconhecido filho do Porto.

Eis a poesia:

### SONETO

Não é de vate, Analia, o louvor nullo;  
Permanece immortal com voz divina:  
Ovidio terno celebrou Corinna,  
Petrarca a Laura, a Delia o gran Tibullo.

Minha amada, meu bem, eu não te adulo:  
Este dever amor só nos ensina:  
Por elle soa a Lesbia peregrina  
Nos amorosos versos de Catullo.

A Sapho louva Alceu, e com brandura,  
A Nathercia Camões, por quem suspira,  
E Dirceu a Maridia bella e pura.

Se amor nos versos seus vive e respira,  
Devo imital-os, sim, e com ternura  
Teu nome celebrar de amor na lyra.

J. PEIXOTO DE MIRANDA.

Este soneto é o 1.º de um Ms. em que estão alguns outros ineditos de Peixoto. A meu tio Antonio Leite Cardoso Pereira de Mello agradeço aqui a offerta do dito manuscrito.

Porto.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

## EPISODIOS DE VIAGEM

Extrahi do meu *Porte Notes* residuos de gratas reminiscencias de viagem, cujo atavio informe a minha incompetencia audaz effectuou do seguinte modo:

.....  
Pela cempção subita da benefica influencia paterna, assignalada tristemente pelo idiogma fatal e absoluto, não defini com pura dialectica os effeitos perniciosos que este lugubre successo poderia fixar no

meu porvir, revelando-se opportunamente sob o impulso de graves e funestas decepções

E como de ha muito nutrisse impaciencia por soltar vãos no espaço, e experimentar o sabor da independencia, só curei em consummar no mais breve periodo os sonhos fagueiros e mirificos do meu ridente idyllio.

Uma inopinada e fastigiosa evolução na minha existencia exprimia agora o *desideratum* de tão cubiçado e risonho problema.

E o meu espirito febricitante e irrequieto, preocupado por devaneios indefinidos, só logrou lenitivo quando o triumpho da execução assumiu os dominios magnos da evidencia.

Finalmente na esphera imperiosa das minhas acções e com o *porte monaie* assaz repleto aportei em França na gentil e travêssa cidade de Bordeus.

Encarregado de verter e interpretar a expressão de pensamento do meu amigo e companheiro João Bento, em attenção ao embaraço que mantinha na pratica do idioma, iamos caminho de hospedagem na intuição de ordenar os nossos aposentos e reparar a nossa *toilette* um tanto manuscada, quando o meu amigo João Bento jubilosamente possuido por uma nova atmospheria amiga e protectora, que agora se desenrolava ante nossos olhos com myriadas de encantos, repelliu com desapprovação estes preliminares dilatorios e accusou com energica supplica o vacuo exigente e afflictivo do seu elemento gastronomico, cujos symptomas elle reputava sensivelmente crueis.

E, como eu não desejasse de modo algum ser hostil a revelações tão sinceras e afanosas, pertendi demonstrar-lhe a minha solicitude e acquiescencia em face da declaração tão espontanea e ardente de desejos.

Existindo portanto coherencia de principios em materia de Hygiene alimentar, investimos briosamente o primeiro Hotel que se nos deparou em condições apparentemente benignas para uma installação transitoria.

Houve a possibilidade de nos servirem com presteza e d'esta fórma acudir á crise estomachal do meu amigo.

No fim de um lunch abundante e variado, alvo de uma voracidade festiva, a cuja succulencia e appetibilidade rendemos o devido preito e logo que a diglutição no termo do seu exercicio impôz folga ás funcções mandibulares, rompemos diques ao silencio, até alli só perturbado por dispersos monosyllabos approvadores.

E expandindo alegre e familiarmente o dialogo intimo e animado por entre as ethereas espiraes de fumo dos nossos opulentos charutos indigenas, rematamos na confecção de um itinerario adaptado ás horas que nos restavam; sendo n'elle especialmente designada uma visita ao *Grand Theatre*.

Cabe aqui notar de relance que é um dos mais bellos monumentos n'este genero e talvez um dos melhores da Europa, antes da construcção da *Grand opera* em Pariz.

Edificado na epocha de Luiz XIV, pelo celebre architecto Luiz, offerece um aspecto exteriormente grandioso, com as suas columnas e estatuas; a salla vasta e sumptuosa é imponente pela sua ornamentação architectoral e deslumbra pela exhibição de columnas com capiteis dourados.

O Recinto pôde conter 4:000 espectadores.

Representava-se—*la Juive*—Era surprehendente o apparatus scenico, abrilhantado por uma orchestra condigna.

Deliciados, recolhemos ao Hotel agradavelmente impressivos e dispostos favoravelmente a procurar algumas horas de remanso indispensavel e benefico á nossa cara individualidade.

No exercicio pleno do despojo das minhas vestes discretas e defensivas do pudor, preparatorio ordinario e de rigor para levar á execução o plano concebido, fui clamorosamente interrompido e abalado por gritos assustadores que soltava o meu amigo João Bento; e no meio de exclamações graves, bradava pelo meu auxilio, poderosamente commovido.

Ocorreu-me instantaneamente a ideia, que seu leito teria cedido á massa respeitavel e demasiado onusta do digno assaltante.

Endereço veloz ás minhas vistas na direcção do lugar angustioso e que observo, meu Deus!... a submersão integral do querido vulto do meu amigo nas dôces regiões dos lençoes, ostentando apenas a visibilidade faceta da sua proeminencia olfactoria.

Percebi pois como explicação d'esta catastrophe, que o colção extremamente flacido deveria esta propriedade á natureza de pennas rigorosamente tenues, operando por esta fórma acção descendente muito natural cuja flexibilidade inesperada sobresaltou medrosamente o animo do meu amigo João Bento.

Acalmado este incidente e depois de ter conseguido affugentar a rabugem do seu humor, empreendi a escalada cubiçosa e decidida á plata forma submissa do meu leito

E a imaginação turbulenta em luta de impressões prestigiosas e agradaveis foi promptamente submettida ao poderio somniferico pela entrega aleivosa da fadiga assistente.

Adormecemos.

No dia seguinte, d'espertamos ás 9 horas da manhã... perdão... devo antes dizer despertou a minha humilde pessoa. O meu amigo já tinha desaparecido dos aposentos e só depois de ter decorrido cerca de meia hora é que manifestou a sua appareição em companhia da criada do Hotel, creatura azongada, e com uns olhos pretos, que deixavam lobrigar no seu coração a conjectura de uma vereda accessivel á generosidade.

Vinha demandar instrucções ácerca da nossa instantane refeição matinal.

Notei que o meu amigo já vinha barbeado e com uma *toilette* luzida e irreprehensivel, e notei mais ainda que não despregava os olhos da creada com quem já patenteava uma certa intimidade e nutria desejos vehementes de receber insinuações do idioma nacional promptificando-se a retribuir essa amabilidade com noções vivas do seu proprio dialecto.

Devo observar aos leitores que o meu amigo, apresentava em acção todos os recursos da mimica para evidenciar as suas ideias repassadas de philantropia, recorrendo algumas vezes ao meu orgão de versão, para melhor as esclarecer.

Portanto a preposição do meu amigo João Bento, possuia o condão de não desagradar litteralmente á commensal, e a transacção em vereda propicia e fortuita, ostentando uma prespectiva, digna de benevolencia, corroborada por um acolhimento tacito, foi subrogada e anuviada pelo reconhecimento pezaroso que

o obice imprevisto da nossa partida imminente, e indecisa impunha á execucao.

Mas graças á suggestão d'este embaraço vigente, á promessa authentica de um breve regresso, e mais lata residencia, cujo corollario, mollificou assaz o animo da ingenua creatura, ia alfin o nosso heroe conseguir o premio dos seus esforços phrenologicos, e saborear o penhor avido e doce do seu ajuste subtil.

Mercê pois dos seus habeis e theoreticos argumentos que evidenciaram cabalmente o predominio dos seus effeitos não vacillou o meu amigo atravez de um enleio seductor e pudibundo em tomar posse com toda a hombridade de um prestigioso amplexo, dilatadamente estreito, irradiado por um sonoro cortejo attraente e delicioso, cujos benesses não trahidos pela resistencia, também não comprehendiam ausencia total de desprazer.

Esta scena edificante estimulou galhardamente o meu humor, abalando a minha fleugma, mas em face do aspecto tentador e irresistivel, que offerecia agora o nosso almoço, cuja conducção já effectuada ameaçava o esfriamento dos comestiveis, não hesitei em dirigir ostensivamente as minhas sollicitudes e amabilidades á cooperacão mutiladora de substancias inermes, mas altamente physiologicas.

Os risonhos e provocantes Beefsteaks, enfeitados com excellentes e louras batatas, uma fragrante omeletta, tudo subordinado á Presidencia sublime de de uma crystallina e limpida garrafa com optimo vinho de Bordeus, já da minha intimidade, causavam esplendores e anhelos incommensuraveis e curvado poderosamente mediante entidades sobejamente fascinantes espacei para occasião favoravel uma convivencia mais intima.

O meu amigo não desistiu de restabelecer a demonstracão dos seus affectos e sympathias, attendendo ao bom exito, e alta protecção do seu ensaio, o que reproduzia com fertilidade, e inequivocos desvios, todas as vezes que a sua conquista lhe apparecia.

E como tudo tem o seu limite n'este mundo de desenganos, entendemos util e proveitoso permutar a athmosphera da nossa camara, por outra mais pura e hygienica no exercicio de um passeio recreativo que nos identificou com o que havia de mais importante na cidade.

(Continua)

J. M.

## CONSTITUICÃO MEDICA DO NORTE

(Continuado do n.º 2)

O que dissemos das condiçoes barometricas e climatericas do extremo norte, applica-se igualmente ás condiçoes electricas. Sabemos que a electricidade decresce do equador até aos polos, e não mais se reconhece além de 68 graus de latitude norte. As auroas boreaes que muitas vezes apparecem nas regiões

polares são provavelmente devidas ao fluxo e accumulacão da electricidade d'uma parte do globo, no ar.

Estas subtraçoes d'electricidade devem pois contribuir para o definhamento da vegetacão: e por este motivo nos paizes proximos dos polos encontram-se só o pinheiro e a betula, duas arvores que pertencem ás zonas elevadas dos Alpes.

Tem-se notado que a agoa meteorica, sempre fracamente electricada sobretudo no estio, é muitas vezes mais negativa que positiva quando cae em chuva: no estado de neve é ordinariamente positiva. As condiçoes ozonometricas do extremo Norte são mui notaveis, o que póde explicar o serem raras as doenças epidemicas tão frequentes nas regiões equatorias.

Na colera observou-se que a appareção do flagello indiano coincidia com a diminuicão ou falta do ozone. Pelo contrario as doenças inflammatorias appresentam condiçoes diferentes de evoluçao, isto é, as pneumonias e bronchites são mui frequentes no Norte, e exigem constantemente a sangria.

A temperatura das costas e a do interior da terra varia muito na Noruega; assim a costa oeste que recebe a corrente do Gulstream é menos fria, que a costa este.

No interior os nordestes descendentes dos polos tornam o clima mui rigoroso e por tal modo que para viajar nestes paizes convem escolher os mezes de junho e julho.

Devemos também acrescentar, que o alimento na Noruega é pobre: o terreno só produz fraca aveia e em algumas partes centeio e cevada em mui pequena quantidade. Com os dous primeiros cereaes fazem um bolo duro de cor cinzenta escura que temperam com funcho.

Os leticinius são alli quasi mythos, e é raro que um paisano possa offerecer mais de 2 ou 3 ovos.

Vem-se aqui e alli magras gallinhas de pennas erriçadas. Sem rangifer a vida é impossivel n'estas regiões: o Lapão no mar é relativamente mais forte, que o sedentario habitante da Noruega. Na approximação do inverno elle calça os borzequins brancos ou emparelha rennas e cil-o prompto para uma jornada de centenas de legoas. É vivo, malicioso, e nada tem de commum com os papeirentos dos Alpes.

Os lagos do interior da Noruega são mui ferteis em peixe; sobre tudo em trutas: comprehende-se quanto é util este alimento.

Quanto ao peixe das costas é preciso salgal-o ou secal-o para o conservar e assim perde muito nas suas qualidades nutritivas.

Um dos flagellos do Norte é o abuso das bebidas alcoholicas que abreviam os dias da vida, sejam ellas quaes forem. É por assim dizer um fogo liquido, que o homem engole. Ellas acceleram a consumpção interior e destroem a vida a fogo lento. Occasionam acrerias, originam doenças de pelle, dessecam a fibra, communicam-lhe um excesso de rigidez, trazem a velhice precoce, produzem a tosse, asthma, diversas affecções pulmonares e a hydropesia.

Mas o que é mais para lastimar, é o ellas embotarem a sentimento physico e moral, a tal ponto que passada certa epocha os bebedores d'aguardente tornam-se insensiveis a todos os estimulantes physicos ou moraes.

D'aqui resulta que, quando estes desgraçados adoecem, difficilmente se curam, porque o corpo d'elles

habituação ao mais forte dos excitantes é refractario á impressão d'algum outro estimulante.

O mesmo se dá no moral: a alma do bebado é insensível a tudo o que é bello, grande, nobre e honroso: só sente prazer em beber. Eu não conheço cousa alguma que bestialise e degrade tanto como o abuso continuo das bebidas alcoholicas. De todos os outros defeitos e vicios o homem póde corrigir-se, menos d'este, que o perde irremediavelmente, porque n'elle destroe até o mais leve vestigio de sensibilidade.

Estas considerações deviam, segundo nos parece, fazer convergir todas as atenções dos magistrados e obrigar-os a restringir o uso das bebidas fermentadas, uso que cada vez mais se espalha entre o povo.

A crapula deve arrastar a ruína d'um estado, quando ella se torna geral, porque destroe o amor do trabalho, a virtude, a humanidade, a temperança e o instincto moral, qualidades sem as quaes a sociedade não pode sustentar-se. Diz-nos a historia que a epocha em que os povos primitivos conheceram a aguardente pela vez primeira é aquella em que elles começaram a viver menos tempo e a perder o seu vigor.

No Norte o que se lê mais frequentemente é este distico: *Distillação*.

A constituição robusta dos bebedores permite a tolerancia, o que é mais um perigo. O delirio dos bebedores é alli pois mui frequente e d'algum modo a regra nas constituições frias prova que o alcool não aquece.

(Continua)

DUARTE DE SOUSA.



## PABULUM VITÆ

(Continuado do n.º 2, pag. 14)

As latitudes, como as estações dão origem tambem a mudanças sensíveis na atmosphera. Nas regiões polares, onde a temperatura congela frequentemente o mercurio dos thermometros, arrastam os miseros habitantes uma vida tristemente celebre, cobertos de lepra, quasi sem intelligencia (porque o frio gela-lhes o cerebro como lhes gela o nariz e as orelhas) e obrigados muitas vezes a descer ás entranhas da terra para evitarem d'algum modo esse frio destruidor que a cada passo lhes causa a morte n'essas zonas glaciaes.

Em opposição existe a região do calor, influenciada por um sol ardente, onde o ar que se respira é medonhamente abrasador, a ponto de quasi extinguir as faculdades intellectuaes. São os dois extremos, e os extremos tocam-se.

Assim, temos que, sendo a latitude a distancia que separa qualquer ponto do equador onde os raios solares dardejando mais a prumo concentram o maximo calor emittido por esse astro brilhante, é claro que á

medida que qualquer logar mais se affasta do equador tanto mais baixa será a temperatura d'esse logar.

Vem aqui a intento fallar d'uma outra causa que influe distinctamente sobre a temperatura atmospherica: é a altura de qualquer localidade. A temperatura diminue á medida que nos affastamos do equador para os polos, assim como decresce á proporção que nos vamos approximando de grandes alturas. Ha n'este decrescimento uma proporção conhecida — um grau por cada 180 kilometros que se transpõem do equador para os polos, e um grau por cada 180 metros que se sobem na atmosphera.

Os gelos eternos que coroam os picos de alterosas montanhas, ainda que erguidas em regiões sobre as quaes o sol envia a prumo seus raios afogueados como se vê nas alturas dos Andes no Hymalaya, são um testemunho irrefragavel d'este facto que á primeira vista parece paradoxal, mas não é.

O ar deixando-se facilmente atravessar pelos raios solares, como fluido *diathermico* que é, concentra em si tanto menos calor quanto menos denso esse ar fôr.

O ar torna-se menos denso á medida que nos approximamos das grandes alturas, e consequentemente, concentrando-se ahi menos calor, a temperatura desce consideravelmente.

E ainda que pareça de natural e simples intuição que quanto mais elevado fôr o lugar tanto mais proximo está do sol e naturalmente tanto mais calor deve existir, é perfeita illusão essa ideia, pois que as mais altas montanhas, como as maiores ascensões areostaticas a que os homens se hão erguido são alturas insignificantes em relação á distancia a que o sol está do nosso planeta.

No meio porém d'estas temperaturas extremas onde o frio gela as extremidades e o calor asphyxia, ergue-se como por encanto um clima benefico, região amena e formosa, onde o ar é puro e temperado, onde o ceu deslumbra com seu azul d'uma suavidade magica que nos seduz; onde o homem nasce perfeito, cresce breve, desenvolve e solta esse dom sublime — a intelligencia — á luz d'um sol creador perenne de perfeições e encantos.

(Continua)

JULIO VICENTE.



## A UMA DAMA

Sois uma deusa, ó formosura ideal,  
em meio d'esse eterno paraizo:  
tendes quintas, palacios — sem rival,  
coches, cavallos, — só vos falta juizo...

J. LEITE DE VASCONCELLOS.